

A liturgia nas reduções dos Guaranis

Odilon Jaeger, S. J.

Liturgy in the Guarani Indian Settlements

On the concrete example of the "reductions" or missions, founded and maintained by the Jesuit Fathers in ancient Paraguay, the author shows that liturgy may be an efficient instrument of evangelizing, if adapted to the peculiar character of the people, organized as a living community.

With this purpose, the writer of the article brings forth the missionaries' intention to use liturgy for pastoral aims as well as the method consciously adopted. Finally, he describes the principal liturgical actions, as they were celebrated in the reductions.

Abundante material bibliográfico, em parte inédito, ocupa-se das reduções jesuíticas dos índios guaranis. Estas reduções surgiram e prosperaram nos séculos 17 e 18, no território do antigo Paraguai, que corresponde às atuais províncias argentinas de Misiones e Corrientes, ao sul do Paraguai e ao Brasil meridional.

Um dos aspetos que chamam a atenção nas reduções dos guaranis é, inegavelmente, a sua florescente vida litúrgica. Serão de interesse atual duas questões em torno deste assunto:

1) Qual a posição que ocupava a liturgia no trabalho missionário entre os povos das reduções?

2) Como se explica o êxito obtido pelos evangelizadores, no cultivo da liturgia?

O presente artigo procura responder a estas questões, dando a palavra aos próprios missionários: A liturgia era meio precípua de evangelização; o segredo do êxito consistia em adaptar o culto à índole própria dos guaranis.

Como ilustração, acrescentar-se-á um conspêto e uma descrição dos principais atos litúrgicos, celebrados nas reduções.

1. A liturgia como instrumento para implantar e aprofundar a vida cristã nas reduções

Se aqui se focaliza a pastoral litúrgica, desenvolvida nas reduções dos guaranis, não quer isso dizer que os missionários se descurassem de outros meios de evangelização, igualmente indis-

pensáveis. Devido à notória mentalidade infantil dos índios guaranis, os padres das reduções tinham, primeiramente, que prover às necessidades materiais de seus pupilos. Criaram, ao mesmo tempo, uma organização comunitária, que hoje dificilmente se consegue. Cada redução era uma grande família cristã. A catequese e a pregação tomavam boa parte do dia.

Não obstante, como atestam os próprios missionários, a celebração do culto religioso contribuía poderosamente para levar os índios à vivência do cristianismo. A liturgia era um dos principais meios de evangelização.

A vida litúrgica desenrolava-se, pela maior parte, nas esplêndidas igrejas, edificadas em tôdas as reduções. Os templos impressionavam os indígenas como uma pregação muda, mas eloqüente.

"O fim destes magníficos templos", escreve o P. Cardiel, "é serem lugares santos, dedicados ao culto devido a Deus, e por êste aspeto exterior fazer com que os neófitos formem uma grande idéia da fé católica. Isto é o que os empenhou em não recusar gastos, nem na arquitetura nem no adôrnô" (1).

Outro missionário, o P. Peramás, escreve:

"Nos povos guaranis, o interêsse máximo se concentrava em Deus e nas coisas do céu"... "Era extraordinário, em todo sentido, o esplendor do templo, o qual contribuía sobremaneira para elevar as mentes dos índios e os convidava a assistir com mais vontade e respeito aos sagrados mistérios" (2).

A música sacra produzia efeito semelhante no espírito dos filhos das selvas, como afirma o P. Muratori:

"Não se pode descrever quão eficaz seja êsse meio (da música) para atrair à religião de Cristo outros bárbaros, até então obstinados em sua vida e crença brutal. Se êstes se podem induzir a visitar as reduções cristãs, a contemplar o decôro das igrejas e das funções eclesiásticas e, sobretudo, a ouvir os melodiosos cantos e vozes daqueles inocentes meninos, ficam tão fascinados da novidade de objetos tão atraentes e da maravilhosa paz, concórdia e honesta alegria dos cristãos, isto é, duma maneira de habitar e viver tão diferente de sua própria, que a maioria dêles se decide a permanecer ali e abraçar o cristianismo..." (3).

2. A adaptação da liturgia à indole peculiar dos guaranis

Os missionários não somente se valeram da liturgia para a evangelização, mas se mostraram verdadeiros mestres em cultivá-la.

Compreenderam que a religião brota duma necessidade natural do homem. Conseqüentemente, adotaram com tôda a decisão, o princípio da adaptação da liturgia à mentalidade e ao caráter dos indígenas. Diz a êsse respeito o historiador contemporâneo, P. Furlong:

"Os jesuítas... começaram por penetrar na psicologia do índio e, longe de adaptar os indígenas aos métodos europeus, adaptaram os

(1) Furlong, Guillermo, S. J., "Misiones y sus Pueblos de Guaraníes", Imprenta Balmes, Buenos Aires, 1962, pág. 204.

(2) Furlong, o. cit., pág. 272.

(3) Muratori, Lodovico Antonio, "Il cristianesimo felice nelle Missioni de' Padri della Compagnia di Gesù nel Paraguai", Venezia, 1743, pág. 61.

métodos, que haviam aprendido no velho mundo, à idiossincrasia dos índios" (4).

A primitiva civilização dos guaranis não possuía herança cultural que se pudesse introduzir à liturgia. Os índios tão pouco eram talentos criativos, como atestam os historiadores. Em compensação, acolhiam prontamente valores culturais e religiosos que se lhes comunicavam. A adaptação do culto cristão à mentalidade dos guaranis consistia, por isso, principalmente em desenvolver as predisposições naturais dos indígenas, mediante formação e exercício. Entre outras, eram acima de tudo as seguintes:

- a) o talento musical,
- b) a predileção pelo sensível e por celebrações festivas,
- c) o forte senso comunitário,
- d) a habilidade para trabalhos manuais,
- e) o espírito realizador e a alegria no cumprimento do dever.

Vejamos como cada um destes elementos era valorizado na celebração do culto.

a) O talento musical

A Igreja, em todo o mundo, cultiva e recomenda a música sacra, como parte integrante da liturgia. Visto que entre os padres e irmãos missionários havia músicos exímios, era natural que explorassem ao máximo o talento musical dos guaranis na celebração do culto. Ouçamos, a esse respeito, o P. Sepp:

"Vendo os primeiros padres que este povo bárbaro apreciava o canto polifônico e era por ele como que fascinado veementemente, jul-

garam de bom alvitre condescender com o seu gênio e usar este meio para conduzi-los mais suave e facilmente ao seio da Igreja e nela conservá-los mais satisfeitos. Por isso introduziram o costume de que os músicos cantassem os louvores divinos durante a missa, não somente nos dias festivos e nos domingos, mas também em todos os dias úteis; ou pelo menos tocassem alguns instrumentos músicos, pelos quais esta gente inculta e rude, quais pedras imóveis e duros rochedos, fôsse atraída à Igreja por outros tantos Orfeus e fôssem elevadas suas mentes embrutecidas, durante o sacrifício, a ouvir um dia entre os anjos as melodias celestes. Este louvável costume, uma vez introduzido, perdura até ao dia de hoje" (5).

"A inclinação dos índios para a música tem sido a causa pela qual os missionários os mantiveram no seu gôsto e por isso o serviço divino sempre se realiza ao som de alguns instrumentos e a experiência nos ensinou que nada contribui tanto para inspirar-lhes recolhimento e devoção" (6).

Citemos, por fim, o parecer do famoso historiador espanhol, P. Astrain:

"Os jesuítas cultivaram essa boa qualidade (do talento musical) e a aproveitaram como meio sumamente eficaz para solenizar as festas e instruir o povo" (7).

(5) Sepp, Antonius, S. J., "Continuatio Laborum Apostolicorum quos R. P. . . ., Missionarius Apostolicus in Paraqueria ab anno Christi 1693 ad annum 1701, exantlevit", Ingolstadt 1709, pág. 171-172.

(6) Leonhardt, Carlos, S. J., "Documentos para la historia argentina", vol. XIX-XX, "Iglesia. Cartas anuas de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán, de la Compañía de Jesús" (1609-1614; 1615-1637), Buenos Aires 1927 e 1929, pág. XCI (vol. XIX).

(7) Astrain, Antonio, S. J., "Historia de la Compañía de Jesús en la Asistencia de España", Madrid, vol. V, pág. 426.

(4) Furlong, o. cit., pág. 308.

b) A predileção pelo sensível e por celebrações festivas

O espírito pouco evoluído dos guaranis exigia que os conhecimentos religiosos lhes fôssem ministrados preponderantemente por via dos sentidos. As realidades sobrenaturais somente lhes eram acessíveis através de sinais e símbolos, de ritos e solenidades externas. Os missionários acertadamente concluíram daí que era preciso dar o máximo valor à sole-ne celebração das ações litúrgicas, das procissões e das festas de Igreja.

Neste sentido, observa o P. Furlong:

“Entre os índios, saídos dos bosques, êsse culto externo era ainda mais necessário, por seu crasso materialismo e apêgo às coisas visíveis e tangíveis” (8).

Esplêndidas festas populares, em que se executavam espetáculos religiosos, danças e peças alegóricas, proporcionavam aos guaranis muitas horas agradáveis. Mas representavam, igualmente, uma ampliação da catequese, bem como uma preparação para o culto propriamente dito. Acêrca destas celebrações extralitúrgicas, escreve o P. Cardiel:

“Tôdas estas coisas servem para honesto entretenimento em suas povoações, para que não lhes venha a tentação de fugir e para que, pelos olhos e com decente deleite da alma e do corpo, lhes entrem as coisas de Deus” (9).

c) O forte senso comunitário

A propensão para uma vida comunitária resultava espontânea-

mente da mentalidade infantil dos índios guaranis. Essa predisposição natural, aliada à organização das reduções em verdadeiras famílias, expressava-se na maneira de celebrar o culto e as festividades religiosas.

Os guaranis reuniam-se diariamente para a santa missa, embora não fôssem obrigados a isso em dias de semana. Em cada redução havia uma única igreja, suficientemente ampla para comportar tôda a população da aldeia. Aqui não somente celebravam a missa, mas cantavam ou recitavam as vésperas, o rosário, as ladainhas e outras preces e cantos populares. Como atos comunitários, eram sumamente apreciadas as procissões, nas quais ninguém faltava. Recitavam suas orações diárias com uma pontualidade, que podia servir de exemplo a uma comunidade religiosa (10).

d) A habilidade para trabalhos manuais

A fundação duma redução significava um início totalmente nôvo. Moradias, indumentária, utensílios, igreja, alfaias, tudo era preciso tirar do nada.

Neste ponto, para os missionários vinha muito a propósito a habilidade extraordinária dos guaranis para trabalhos manuais. Uma das tarefas precípua, que os padres confiavam a seus índios, era a edificação da igreja e o preparo de todo o necessário para o culto divino. As ruínas das igrejas, as estátuas de santos e os sinos, que ainda restam, testemunham a alta qualidade de suas realizações.

(8) Furlong, o. cit., pág. 273.

(9) Idem, o. cit., pág. 490.

(10) Idem, o. cit. pág. 478, 106, 274, 484.

Para citar apenas um exemplo de paciente esforço, na construção da igreja de São Miguel trabalharam mil índios, durante dez anos.

e) **O espírito realizador e a alegria no cumprimento do dever**

Sem divisão racional do trabalho, a vida pacífica e progressista das reduções teria sido impossível.

Como sábios educadores, os padres criaram os mais variados cargos e ofícios. Com satisfação e orgulho, os encarregados assumiam os seus postos.

No setor da liturgia, a participação conscienciosa dos cantores e músicos, dos acólitos e autoridades nas celebrações sagradas contribuía grandemente para o brilho do culto.

3. **As diferentes celebrações litúrgicas nas reduções**

A adaptação da liturgia à índole dos guaranis certamente não se processava pela maneira sistemática, acima indicada. Em cada situação, os missionários recorriam àqueles meios, que se revelavam mais eficientes.

Não será, pois, supérfluo descrever, a título de ilustração, as diferentes funções religiosas, tais como se realizavam nas reduções. Relatos mais extensos bem como breves observações casuais, encontrados nos documentos, permitem reconstituir o quadro geral da vida litúrgica dos povos das reduções. Limitar-nos-emos aos seguintes pontos:

- a) a santa missa,
- b) a procissão de Corpo de Cristo,
- c) a semana santa,

- d) a festa do Natal,
- e) o batismo,
- f) o casamento,
- g) a liturgia fúnebre,
- h) a confissão,
- i) a transmissão de cargos.

a) **A santa missa**

Antes do romper do dia, repicam os sinos na torre da igreja. No mesmo instante, os guaranis entoam, em suas moradias, a prece do Ángelus. Nos dias úteis, os alcaides saem às ruas, clamando: "Irmãos, é hora de levantar; enviai vossos filhos e filhas a reverenciar a Deus e a rezar a santa doutrina, a ouvir missa, a cumprir o trabalho diário, para que aprendam a viver como cristãos e como seres racionais..." (11). Ao mesmo tempo, alguns rapazes chamam com seus tambores na praça.

Pouco depois, os indígenas abandonam suas moradas e percorrem alegremente as ruas. Convergem todos para a praça quadrangular, diante da igreja. Distinguem-se prontamente as autoridades por suas vestes finas e coloridas. Muitos dos chefes são antigos caciques, que conservam sua autoridade nas reduções (12).

Os índios defrontam-se com o edifício do templo. Este supera todas as demais construções em tamanho e beleza. A imponente fachada, com seus pórticos, colunas e ornamentos, desperta nas almas ingênuas dos guaranis uma estima crescente das coisas supramundanas e do culto divino, "ao verem que com todo o adorno, a que dá lugar a terra, e com a reverência maior que se pode pedir, se venera a Deus, nosso Senhor" (13).

(11) Idem, o. cit., pág. 468

(12) Idem, o. cit., pág. 292.

(13) Idem, o. cit., pág. 215-216.

Os fiéis penetram no recinto sagrado. Homens e mulheres entram separadamente por duas portas principais. No interior, tomam lugar, divididos em quatro grupos: homens, mulheres, rapazes, meninas. Esta ordem estrita assegura um comportamento digno durante as funções.

O interior do templo dá a impressão dum palácio paradisíaco. As jovens da Congregação Mariana zelavam pelo mais meticoloso asseio. Sobre o soalho estão espalhadas flôres e ramos perfumosos, que impregnam a casa de Deus com um agradável odor. Inadvertidamente, os indígenas recordam as palavras, tantas vêzes repetidas por seus pastôres: O cristão deve ser o bom odor de Cristo e um templo vivo e magnífico de Deus (14). Incansáveis, contemplam as graciosas colunas e as imagens familiares dos santos nos nichos e sobre os altares. Admiram as expressivas pinturas nas paredes e as nuvens e incontáveis anjos que circundam as figuras principais. Sobretudo atraem a atenção dos fiéis os esplêndidos altares, com suas colunas, castiçais e ornamentações douradas. Ao lado do altar-mor, estão três cadeiras, finamente talhadas, adornadas com franjas de prata. São as cadeiras do celebrante e dos ministros. Também o púlpito é verdadeira obra de arte. Dali os missionários proclamam a palavra de Deus, em pregações que duram horas a fio (15).

Enquanto o povo se reúne na igreja, os sacerdotes ouvem algumas confissões. O povo se ocupa com orações e cânticos, até ao início da celebração (16).

Os músicos e cantores tomam lugar no côro. Quando se canta missa solene, toca tôda a orquestra de trinta a quarenta figuras (17). Os cantores dispõem-se em dois coros, que se alternam durante o canto. Aos domingos e festas, aguarda-os longo trabalho, pois o culto dura aproximadamente tôda a manhã.

Novamente soam os sinos, anunciando o início da missa. Entra o celebrante. Seis acólitos, bem ensaiados, o acompanham: dois carregando velas, dois com incenso e dois para responder. Trajam sotainas vermelhas, violetas ou negras e sobrepelizes brancas. O órgão e a orquestrá executam um prelúdio festivo. Em todos os domingos e dias de festa, o celebrante entoa o "Asperges" e deita água benta sobre a multidão, enquanto o côro termina a antífona (18).

O sacerdote depõe o pluvial e veste uma casula bordada a ouro. Principia a missa solene. Três vêzes por semana se canta missa, evidentemente em latim: às segundas-feiras, pelos falecidos; aos sábados, em honra da Mãe de Deus; aos domingos e dias santos de guarda.

A comunidade acompanha as ações litúrgicas com a mais profunda piedade e atenção, prêsas pela multiplicidade de sons e côres, que tão agradavelmente ferem os seus sentidos. Sentem-se arrebatados a um mundo inteiramente outro (19). Nos dias úteis, os fiéis também participam da celebração, cantando e rezando em comum.

Entre os cânticos, a orquestra executa composições européias: fugas, árias e minuetos. Primam

(14) Idem, o. cit., pág. 220-221.

(15) Idem, o. cit., pág. 291.

(16) Muratori, o. cit., pág. 73.

(17) Furlong, o. cit., pág. 486.

(18) Idem, o. cit., pág. 272, 301.

(19) Idem, o. cit., pág. 468.

pela absoluta exatidão e pela interpretação artística. A profunda seriedade e a comoção religiosa dos músicos contagia os ouvintes (20).

Ocasionalmente, ressoa também desde o altar a voz maviosa de algum missionário músico.

Depois do evangelho, o celebrante sobe ao púlpito. Para os adultos, o sermão dominical é a melhor oportunidade para aprofundarem seus conhecimentos religiosos. Alguns missionários dominam perfeitamente o harmonioso idioma guarani. O Beato Roque Gonzales recebeu, por sua eloquência e conhecimento da língua guarani, o cognome de "Crisóstomo dos guaranis" (21).

A liturgia eucarística, desde a preparação das oferendas até à comunhão, decorre segundo os moldes usuais da missa cantada.

Para a comunhão sacramental, os índios se aproximam da mesa eucarística em longas filas. Durante a distribuição da comunhão, ressoam devotos hinos eucarísticos e peças musicais.

Terminada a missa, os que comungaram demoram-se por alguns minutos na igreja, realizando uma ação de graças em comum. Um menino recita em voz alta as orações, repetidas por todos. Um alegre canto de encerramento, um toque festivo da orquestra, — e todos se retiram do templo (22).

Em conclusão, apresentamos dois testemunhos dignos de nota:

O arcebispo de Buenos Aires, Pedro Fajardo, visitou em 1718 as reduções dos guaranis e administrou o sacramento da confirmação

a 74.117 índios. Expressa a sua admiração com as seguintes palavras:

"É certo que, sem hipérbole nem exagêro, vale a pena vir da Europa, somente para ver as missões e o culto divino, sendo cada igreja uma catedral de um povoado de índios, e igualmente apreciar o cuidado da doutrina, sendo para todos uma maravilha, tanto no espiritual como no temporal" (23).

A fama da florescente vida cristã e da esplêndida liturgia das reduções chegou até Roma, como refere o P. Peramás:

"O próprio Sumo Pontífice, Bento XIV, acrescentou sua autoridade à de outros, propondo mais de uma vez por modelo aquela igreja (dos guaranis)" (24).

b) A procissão de Corpo de Cristo

Grande é a expectativa nas reduções, ao se aproximar a mais popular de suas festas, a de Corpo de Cristo. Todos os habitantes têm oportunidade de participar da preparação e realização desta solenidade e, com isso, demonstrar sua devoção a Cristo eucarístico (25).

Os preparativos começam vários dias antes da festa.

Na véspera do grande dia, todos estão atarefados com a ornamentação do povoado. Em quatro esquinas, ergue-se um suntuoso altar. O enfeite não consiste em ouro e prata, mas em ramos verdes e flôres coloridas e perfumosas, entrelaçados em perfeita simetria e ordem (26).

(23) Furlong, o. cit., pág. 633.

(24) Idem, o. cit., pág. 272.

(25) Eguía Ruiz, Constanio, "La Eucaristia en las Misiones jesuíticas del Paraguay", em: Ciencia y Fe, 1941, pág. 19-31.

(26) Charlevoix, Pierre François-Xavier, S. J., "Histoire du Paraguay", Paris 1756, vol. I, pág. 259.

(20) Astrain, o. cit., vol. V, pág. 526-527.

(21) Furlong, o. cit., pág. 326.

(22) Muratori, o. cit., pág. 73.

Ao longo de todo o trajeto da procissão, erguem-se arcos de triunfo, igualmente decorados com ramos verdes e com variegadas flôres. As paredes das casas cobrem-se, não com ricos tapêtes, mas com os mesmos ornamentos que os altares e arcos de triunfo (27).

A piedade popular manifesta-se, além disso, no seguinte expressivo costume:

"Todos, até as criancinhas, trabalham nesta decoração, em que se incluem as carnes de animais recentemente caçados, tôdas as iguarias com que a gente habitualmente se regala nas grandes festas, as primícias de tôdas as colheitas, para as oferecer ao Senhor e os cereais que serão semeados, para que êle lhes lance a bênção" (28).

"Alguns se põem a pescar naqueles caudalosos rios os peixes de maior estima; outros a caçar os animais mais saborosos. Todos êstes animais são pendurados nos arcos de triunfo, bem como galinhas, pombas, pavões, etc. O provimento dêstes últimos está a cargo dos caciques. Mas sobretudo procuram capturar vivas o maior número possível de aves, das mais raras e vistosas, que se encontram nas margens e ilhas dos grandes rios, principalmente do Paraguai, que em sua língua significa precisamente "rio das penas", em razão das muitas aves características que ali se vêem, grandes e pequenas, revestidas de variegadas penas e plumas. Amarram-lhes uma corda aos pés e deixam-nas esvoaçar pelo ar, para que, saltitando de um

ramo a outro, mostrem a pompa de suas côres. Ao longo das ruas, colocam fígues e pequenos leões e outras feras, mas bem amarradas, de sorte que não possam causar dano ou perturbar a função" (29).

"De espaço a espaço... vêem-se belíssimos peixes, em grandes bacias repletas de água" (30).

Como em tôdas as solenidades principais, a festa inicia-se na véspera. As tribos vizinhas, que foram convidadas, já chegaram. Ao cair da tarde, irrompem os alegres sons dos instrumentos músicos e dos tambores. Em filas ordenadas, os músicos percorrem tôdas as ruas da redução. À sua frente vai um alferes, montado em garboso ginete. Tôda a população os acompanha até à entrada da igreja. Aqui se cantam vésperas solenes.

A seguir, o povo reúne-se na ampla praça defronte à igreja. Os meninos executam dansas populares, enquanto os adultos os contemplam satisfeitos.

Entretanto à noite, acendem-se várias fogueiras e se iluminam as ruas (31).

De manhã cedo, canta-se missa solene. Segue-se a procissão.

"O sacerdote vai sob o baldaquino, vestido de pluvial, cuja orla, na falta de sacerdotes, é sustentada por acólitos. Participam todos os cantores, que, distribuídos em vários coros, alternam entre si. Atrás da cruz paroquial vêm os meninos, de mãos postas; da mesma forma seguem todos os jovens e homens que não pertençam à Congregação Mariana, pois cada uma destas virá depois, com seu estandarte e com a imagem de seus titulares. À frente vão os

(27) Fernandez, Juan Patricio, S. J., "Historica Relatio de Apostolicis Missionibus Patrum Soc. Jesu apud Chiquitos", Madrid 1726, p. 74.

(28) Charlevoix, o. cit., vol. I, pág. 258.

(29) Muratori, o. cit., pág. 73.

(30) Charlevoix, o. cit., pág. 258.

(31) Idem, o. cit., pág. 258.

mais jovens; atrás deles, os mais idosos e, finalmente, junto ao baldaquino, os caciques, os capitães e os principais do lugar. Atrás do Santíssimo vêm, com tochas nas mãos, os magistrados, a saber, o corretor régio, os alcaides ou juizes, os fiscais da doutrina, procuradores do povo, presidentes dos enfermos, mestres de campo, sargento-mor e outros ministros, civis ou militares... Na mesma ordem que os homens, seguem as mulheres... Costumam também preceder à cruz paroquial algumas companhias de soldados, com suas insígnias, tambores e fuzis, que em determinados pontos saúdam o Santíssimo com salvas" (32).

Um grupo de dançarinos, "vestidos de reis e de anjos, dançam diante do Santíssimo, apresentando-lhe, com muitas evoluções e reverências, os cetros e coroas e até os corações, arrancando, com mostras de violência, um coração que levam oculto por sobre o coração verdadeiro" (33).

O mais admirável, no entanto, é a perfeita ordem e calma e a devoção visível dos participantes:

"O que realmente se pode chamar de bom odor de Cristo e que mais agrada ao divino Senhor, cuja festa se celebra, é sem dúvida a suma devoção, que se observa em todo aquêlê bom povo e em tôda a função sagrada" (34).

O canto das aves, o rugido dos leões e dos tigres, as vozes dos músicos, o canto-chão do coral, tudo ressoa em perfeita ordem e forma um concêrto singular... Mas, por mais empolgante que seja êste espetáculo, a piedade, a mo-

déstia, o respeito, um ar mesmo de santidade, difundido em todos os rostos, lhe dão o mais alto relêvo" (35).

Nos quatro altares, a procissão se detém. "Os cantores entoam um cântico, seguido ocasionalmente duma breve e comovente alocução" (36).

Um ato de fraternidade cristã encerra a procissão:

"Enfim, dada a bênção ao povo e terminada a função, alguns encarregados de confiança recolhem todos os comestíveis que ornamentavam os arcos e paredes; e, reunindo tudo num lugar, aguardam a chegada do missionário, que manda levar o melhor aos doentes e necessitados, e com o restante remunera a cada um, de acôrdo com o seu empenho na realização da festa" (36).

c) A semana santa

A liturgia da semana santa, enriquecida de cânticos populares, procissões penitenciais, música sacra e outros piedosos exercícios, adquire nas reduções um caráter popular.

Os missionários reservam para os adultos o tempo necessário, a fim de poderem participar de tôdas as cerimônias.

Nas cartas ânuas do P. Lozano, de 1735-1743, encontra-se a seguinte descrição, baseada num escrito do P. Gabriel Arlet:

"Pela manhã, cantavam Matinas a dois coros musicais e por forma tão perfeita, que em qualquer parte chamaria a atenção. As profecias e lamentações eram cantadas pelos meninos sopranos, não em forma qualquer, senão com as

(32) Muratori, o. cit., pág. 75.

(33) Francisco Jarque, em Furlong, o. cit., pág. 490-491.

(34) Muratori, o. cit., pág. 75.

(35) Charlevoix, o. cit., pág. 259.

(36) Muratori, o. cit., pág. 75.

modulações do estilo italiano. A Paixão, os responsórios e as profecias se alternavam sem interrupção com árias e motetes, acompanhados de música. Tudo se executava com incansável afã e devoção e é estranho que os músicos tivessem tanta resistência" (37).

Outros pormenores no-los fornece o P. Boroa:

"Celebramos a semana santa, como o permitiam nossas possibilidades. Um índio perito nos construiu um sepulcro de madeira, com suas varandilhas e grades, cobrindo tudo com quatro cortinas e, com alfaias da sacristia, na falta de panos, pusemos o santíssimo Sacramento, com muitas luzes e lamparinas. Houve sermão da Paixão na sexta-feira santa, causando tudo grande admiração como coisa nunca vista; acudiu todo o povo às estações, percorrendo-as nós mesmos em primeiro lugar, para dar-lhes o exemplo e ofereciam umas bolinhas muito lisas e pequenas de cêra, oferta não menos agradável a nosso Senhor, ao meu ver, que o óbulo da viúva" (38).

Sobre uma singular veneração do Crucificado, refere o P. Estanislau Arlet:

"No dia de sexta-feira santa, comoveram-me uns índiozinhos e índiazinhas que, com as mãos estendidas em cruz e amarradas a troncos, a cabeça coberta com espinhos e olhos modestamente fitos no chão, estavam de pé, por mais de uma hora, diante da imagem do Crucificado, representando o Senhor, morto inocente e realmente na cruz, de sorte que pareciam ter morrido com o Salvador. Espetáculo digno de ser presenciado

pelo próprio Santo Padre e de mover às lágrimas os seus veneráveis olhos" (39).

d) A festa do Natal

Os missionários não mencionam senão raramente esta solenidade tão popular do cristianismo. Dois textos, porém, que aqui citaremos, permitem julgar da veneração dos índios guaranis, tributada ao Deus-Menino.

O autor da carta ânua de 1644 escreve, referindo-se à redução de San Ignacio Mini:

"Há nesta redução o costume de erigir um Belém ou presépio do Nascimento, desde o dia de Natal até ao dia de Reis. É algo que impressiona grandemente os índios, que acodem à igreja para adorar e beijar o Menino Jesus. As mães levam os filhos ao presépio e os inclinam sobre as imagens. Embora pobres, como são os índios, não deixam de obsequiar o Menino Jesus com alguns donativos" (40).

Conta o missionário Diego Gonzalez que seus confrades fizeram executar algumas dansas e cantos, na festa da Circuncisão, "pondo-se alguns índios a rezar em sua língua em louvor do Menino Jesus e fazendo com êle colóquios em voz alta, amorosos e ternos, e dando-lhe graças pelas redenção e por tê-los chamado à fé" (41).

e) O batismo

Na vida dos povos das missões, a passagem do paganismo para o

(37) Furlong, o. cit., pág. 485.

(38) Leonhardt, o. cit., vol. XX, pág. 136.

(39) Pastells, Pablo, S. J., "Historia de la Compañia de Jesús en la Provincia del Paraguay segun los documentos originales del Archivo General de Indias, extractados y anotados por el R. P. ...", Madrid, vol. II, 1915; vol. IV, 1923; vol. IV, pág. 430.

(40) Furlong o. cit., pág. 159-160.

(41) Leonhardt, o. cit., vol. XIX, pág. 133.

religião cristã representava um acontecimento importante. Por isso, o batismo dum catecúmeno pagão celebrava-se com a máxima solenidade.

Na obra do P. Leonhardt, relata-se o seguinte caso típico:

"Um cacique se deu tanta pressa em aprender o necessário para ser batizado, que em breve tempo sabia as orações e as respostas às perguntas, como se fôsse um aluno bem instruído por seu mestre. Repetidas vêzes pediu o batismo para si e para sua mulher. . . Vendo isso, os padres batizaram a ambos, no dia de Nossa Senhora da Anunciação, com muita solenidade, enfeitando a igreja com ramos, e no meio dela fizeram uma capela com três arcos e o céu, debaixo do qual estava o altar, e sôbre êle a fonte batismal, com todo o necessário para o batismo. . . Ao tempo de começar a missa, foram os índios com seu tambor à casa do cacique, que ia ser batizado, e com êste acompanhamento o levaram à porta da igreja e o mesmo fizeram as índias com sua mulher; e estando todos juntos à porta da igreja, saiu o padre, paramentado, a recebê-los. . . Batizou-os e impôs ao cacique o nome de Inácio e à sua mulher o de Maria" (42).

Ordinariamente, batizava-se no domingo à tarde, depois que os sinos tinham tocado para as vésperas. Antes que o padre entrasse, todos esperavam fora, diante da igreja, com seus mantos, velas e padrinhos. Um secretário entregava ao celebrante um bilhete, com os nomes de todos os batizandos (43).

O ensino religioso despertava nos catecúmenos veemente desejo do batismo. Vendo certo indígena que nas reduções recém-fundadas sômente se batizavam os enfermos, quis também êle adoecer, para ser batizado o quanto antes. Durante uma exposição da doutrina, um menino levantou-se e, pondo a mão sôbre o peito, declarou enfaticamente: "Quero ser batizado, pois quero entrar no céu". Recebeu com tôda a solenidade o batismo, aos doze anos de idade (44).

Casos havia, entretanto, em que era preciso batizar adultos, sem a devida preparação. O P. Marcial narra um incidente dêstes:

"Dava-me muito cuidado o vêlos em tão grande perigo de vida (ameaçados de assalto inimigo) e por outra parte sabê-los infiéis. Fiz uma prática aos homens de guerra, que estavam comigo, falando-lhes dêste assunto e concluí que os que quisessem ser batizados, me seguissem para a igreja, prometendo cumprir algumas coisas que lhes propus, as quais então não podiam executar pela brevidade do tempo. Seguiu-me tôda a gente de guerra, com grande desejo de ser filhos de Deus, animando muito os cristãos aos que o haviam de ser. Postos todos de joelhos, disseram o Credo em voz alta, prometeram guardar os dez mandamentos da lei de Deus e os cinco da Igreja e, dita a confissão geral e tendo feito muitos atos de contrição, começamos o batismo, a que acudiram com tanto fervor, que cada um queria ser o primeiro, pensando que não houvesse tempo de batizar a todos, antes que viesse o inimigo. . . Assim como os ia ba-

(42) Idem, o. cit., vol. XIX, pág. 172.

(43) Muratori, o. cit., pág. 61.

(44) Furlong, o. cit., pág. 98, 106-107.

tizando, iam saindo, com seus arcos e flechas, a guardar seu pôsto" (45).

f) O casamento

Celebrava-se o casamento religioso na presença das autoridades e de grande parte da população. diante da entrada da igreja. Um missionário descreve a cerimônia da seguinte maneira:

"Sai o cura, de sobrepeliz e capa pluvial das mais ricas; e os acólitos com cruz e caldeirinha e hissopo, tudo de prata, e rica bandeja com as alianças e os treze réis de prata... Todos estão calados durante a função, sem observações chistosas, considerando tudo como coisa sagrada. Recebe o padre o mútuo consentimento de cada um e asperge-os. Mas antes disso, faz-lhes uma prática, em que lhes explica muito bem que coisa seja aquêlê sacramento e as obrigações dêle decorrentes e pergunta às autoridades e a todo o povo que assiste se há algum impedimento... Depois lhes entrega as alianças e os treze réis, que são o dote, e o noivo os dá à noiva, segundo o ritual. Não os trazem de casa, mas estão sempre guardados em casa do padre; e as mesmas alianças e dote servem para todos... Acabadas estas cerimônias, entram na igreja até aos degraus do altar. Enquanto isso, cantam os músicos em tom alegre o salmo: "Tua espôsa será como a videira frutífera". O padre diz-lhes as orações do ritual. Segue-se a missa com tôdas as cerimônias da ocasião. No presbitério, coloca-se em todos o colar e a faixa, coisa mui vistosa, que

se guarda para todos, como o dote. Depois comungam e dão graças" (46).

O P. Cardiel afirma ter celebrado noventa casamentos de uma só vez. Escreve, ainda, que o padre dá as vacas para o banquete nupcial. Certo dia, quis surpreender os recém-casados na festa, por uma visita inesperada. Comoveu-se até às lágrimas, ao ver que "os esposos estavam sentados dum lado das mesas e as espôsas do outro, defronte dêles, e tomavam a refeição com tôda a serenidade e compostura, enquanto os músicos cantavam os gozos da mãe de Deus" (47).

g) A liturgia dos defuntos

Os relatos das missões demonstram claramente que as exéquias eram celebradas de tal modo, que alimentavam nos fiéis a fé na ressurreição e na glória celeste.

O cemitério, junto à igreja, assemelhava-se a um jardim aprazível, com verdes alamedas de limoeiros e laranjeiras. Nos quatro cantos havia uma imagem do Crucificado e no fim da alameda principal uma capelinha.

Tôdas as segundas-feiras, os guaranis iam em procissão a esta capelinha, onde era celebrada missa solene pelos falecidos. Após a missa, cantava-se o "Libera" diante dos quatro crucifixos. O côro de meninos cantava alguns trechos da doutrina, aos quais o povo respondia com um refrão (48).

O P. Boroa conta a celebração do Dia de Finados no Paraná:

(46) Furlong, o. cit., pág. 279-280.

(47) Idem, o. cit., pág. 289.

(48) Charlevoix, o. cit., pág. 250; Muratori, o. cit., pág. 62.

(45) Leonhardt, o. cit., vol. XIX, pág. 500.

"Fizemos levantar um alto túmulo, coberto com um pano de defuntos. Ao redor ardiavam muitas luzes e em cima estava um Cristo... Trouxeram suas oferendas, conforme à sua grande pobreza, pregou-se-lhes da imortalidade de nossas almas e da ressurreição de todos, para receber o prêmio ou o castigo para sempre. Estavam muito atentos e como que enlevados, ouvindo dizer que naqueles próprios corpos haviam de ressuscitar e ver a Deus, a seus filhos e parentes, outra vez vivos" (49).

Os paramentos brancos e o alegre cantar dos meninos conferia ao entêrro das crianças o caráter dum verdadeiro cortejo triunfal:

"Seis anjinhos alados", escreve o P. Sepp, "trazendo flôres e velas nas mãos, acompanham o pequenino defunto. Da mesma côr branca refulge a maca, sôbre a qual repousa o feliz corpo, bem como o pano que o cobre. Enquanto a criança é transportada para a igreja, cantam os músicos... e convidam os rapazes e meninas a entoarem hinos de louvor a Deus" (50).

h) A confissão

A recepção do sacramento da penitência não oferece, nas reduções, características especiais, do ponto de vista litúrgico. Os documentos falam antes de aspetos pastorais. Contudo, a menção das dificuldades e êxitos da prática penitencial não deixa de ter interesse para a própria liturgia.

A confissão freqüente levou os guaranis a uma espantosa delicadeza de consciência, como se depreende da seguinte citação:

"Todos costumam receber os sacramentos na semana santa e nas tēmporas. As confissões são ainda mais freqüentes e o fazem tão bem preparados e dispostos, que dá gôsto ouvi-los em confissão. Pois, de faltas que escapariam à vista de ascetas perfeitíssimos, êles se confessam com dor e lágrimas e pedem por elas graves penitências. Às vêzes há apenas uma sombra de falta, de sorte que não há suficiente matéria para dar-lhes a absolvição... Acusam-se, por exemplo, de terem passado a sexta-feira sem se lembrarem com suficiente dor da Paixão de Cristo; de terem às vêzes esquecido de rezar pelos defuntos; de não terem calado ao sofrer injúrias, etc." (51).

Os guaranis, porém, não eram absolutamente escrupulosos. Apenas a sua apoucada inteligência é que preparava dificuldades ao missionário. Muitas vêzes respondiam "sim" e "não" à mesma pergunta. Outras vêzes era difícil constatar se havia verdadeiro arrependimento ou culpa real (52).

Antes da confissão pascal, os índios eram submetidos a um exame de religião. Quem apresentasse graves deficiências no conhecimento da doutrina, não era admitido à confissão, mas tinha que tornar a aprender o catecismo (53).

Os missionários dedicavam-se incansavelmente aos numerosos penitentes. No intuito de evitar o açodamento, iniciavam as confissões vários dias antes das festas (54).

(51) Leonhardt, o. cit., vol. XX, pág. 695.

(52) Furlong, o. cit., pág. 300-301.

(53) Idem, ibid.

(54) Idem, ibid.

(49) Leonhardt, o. cit., vol. XX, pág. 93.

(50) Sepp, o. cit., pág. 154.

i) A transmissão de cargos

Nas reduções dos guaranis não havia autoridade puramente civil. Mediante uma cerimônia religiosa especial, inculcava-se aos índios a idéia da origem divina da autoridade, bem como o sentido religioso do exercício dum cargo público. O P. Cardiel descreve por extenso tal cerimônia:

"Realizadas as eleições, junta-se todo o povo diante do pórtico da igreja, antes de começar a missa... Ali colocam os sacristães uma cadeira comum para o padre e uma grande mesa ao lado, sôbre a qual se põem o bastão do corregedor, as varas dos alcaides e tôdas as demais insígnias dos funcionários públicos e também a batuta do maestro de música, em forma de bandeirinha de sêda, as chaves da porta da igreja, que pertencem ao sacristão, as dos armazéns, que tocam ao mordomo, e outras insígnias de cargos econômicos e com elas os bastões e bandeiras e demais insígnias dos oficiais de guerra... Tudo preparado, sai o cura com seu assistente ou assistentes e, desde sua cadeira, tomando por texto o evangelho daquele dia e aplicando-o à celebração presente, vai explicando as funções de corregedor, alcaide e demais oficiais, dizendo do grande mérito que terão diante de Deus em cumpri-las... Acabada esta exortação, nomeia o corregedor; e logo os músicos, com seus clarine-

tes e clarins, celebram a eleição com uma breve peça. Nomeia os alcaides; e o mesmo fazem os músicos. Os nomeados fazem uma genuflexão ao santíssimo Sacramento com grande reverência, vão tomando da mão do padre as insígnias e com elas se vão sentando nos bancos do cabido... Depois, inicia-se a missa com tôda a solemnidade" (55).

Conclusão

Com os meios mais simples, criou-se nas reduções dos guaranis um culto esplêndido, que tocava fundamentalmente os ânimos dos índios.

O segredo deste êxito consistia em auscultar a mente e o coração dos indígenas e em adaptar, na medida do possível, a liturgia à sua índole.

Sabiam os missionários entrelaçar os atos de culto com a vida cotidiana, de sorte que a liturgia era a celebração da vida e esta o prolongamento natural do culto litúrgico.

O mesmo princípio da adaptação da liturgia à mentalidade de cada povo impede a imitação servil do exemplo das reduções. Não obstante, as comunidades dos guaranis atestam a possibilidade de estruturar o culto litúrgico de tal maneira, que êle se constitua em evangelização eficaz e em meio de preservar e incrementar a vivência da fé.

(55) Idem, o. cit., pág. 267.